



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 36 - julho de 2026

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2026i36p422-429>

CANARINOS, Ana Karla. *Além da Formação: teoria e crítica literárias no Brasil em chave comparativa (anos 1960-1980)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2024, 252p.

*Fabio Pomponio Saldanha**

Trabalhos cujo resultado se tornam documentos longos tendem a parecer exercícios de estilo e, talvez, seja essa realmente a finalidade, por exemplo, de um doutoramento, como pontua Osvaldo M. Silvestre em “Um glossário (não alfabético) de trabalhos de orientação” (2024)¹. Fruto de sua tese intitulada “Momentos decisivos da teoria e crítica literária brasileira: 1970-1980”, *Além da Formação: teoria e crítica literárias no Brasil em chave comparativa (anos 1960-1980)*² reflete, ao mesmo tempo, diversas características da produção em torno da Teoria Literária no Brasil, além de certa maneira de se pensar o que é, de fato, escrever *em torno* da crítica, cuja herança visível no trabalho da autora parece-me ser Antonio Candido, presente desde a “Formação” citada no título.

Antes do conteúdo exato do livro, vale destacar a fluidez e o interessante exercício de leitura que se pode ter a partir de *Além...*: Canarinos não só surpreende pela capacidade de juntar autores muito diversos — afinal, Roberto Schwarz, Luiz Costa Lima, José Merquior e Silviano Santiago são vistos e trabalham de formas extremamente diferentes

* Universidade de São Paulo – USP; Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – DTLLC – São Paulo – SP – Brasil – fabio.saldanha@usp.br, com financiamento concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2022/15480-7.

¹ Disponível em: www.osvaldomanuelsilvestre.com/2024/05/31/um-glossario-nao-alfabetico-de-trabalhos-de-orientacao/. Acesso em: 4 jul. 2026.

² Doravante: *Além...*

—, quanto também pela velocidade com a qual, em seu doutorado, conseguiu ler não só uma, nem duas, mas muitas obras densas, de abrangências diversas e vastidões historiográficas em torno tanto do período destacado pela tese — os anos da ditadura civil-militar no Brasil —, como também da criação e expansão da área das Letras em terras brasileiras — cujo foco são as sudestinas.

Exercício em nada fácil, a quantidade de papel lido e lido pela autora se reflete na capacidade, dentro do livro, de criar pontes, selecionar argumentos e convencer quem lê que ali temos alguém cujo domínio do assunto proposto para discussão está longe de ser pouco. Bibliografia, em Canarinos, não falta. A autora transforma um debate em torno das recepções do estruturalismo no Brasil em três perguntas diferentes, respondidas ao longo do livro em seus principais capítulos, para além das estruturas introdutórias e conclusivas de praxe. Começando com a recepção do estruturalismo e a querela nos anos da ditadura, sugerindo que o olhar fincado ao texto e às questões “importadas” da França pós-1968 criam uma divisão binária entre críticos marxistas ao regime político e pessoas deslocadas da realidade por serem “adeptas” ao estruturalismo, Canarinos começa a mapear, no capítulo 1, “O embate em torno do estruturalismo”, as questões centrais para os quatro críticos “devedores” de Antonio Candido. As multiplicidades de olhares para os quatro teóricos em questão são divididas em mais dois outros momentos, “O embate em torno do regionalismo” e “O embate em torno do modernismo”, tentando demonstrar, com sua capacidade ímpar de síntese e junção de ideias, as diferenças e as similitudes dos autores selecionados — o que é surpreendente, dado que a tradução de suas leituras os coloca muito mais em interpretações binárias e contrárias entre si.

A máxima que perseguirá o raciocínio da autora se baseia quase num ditado popular para certa parte da área dos Estudos Literários, na qual se espera que filiação teórica se torne, eventualmente, filiação genética, ao menos desde o analisado por Flora Süssekind, com *Tal Brasil, qual romance?* (1984): aqueles a se formarem no estado de São Paulo só lerão Roberto Schwarz, aqueles a se formarem no Rio de Janeiro só lerão Luiz Costa Lima e/ou Silviano Santiago... e ninguém lerá Merquior. A primeira suposição básica que se faz, dado o título do livro e a importância de Antonio Candido para o raciocínio da herança nos quatro autores, é a seguinte: então *todos* lerão o Pai da “Teoria Literária” uspiana? E, se sim, *qual* Candido?

Antes disso, talvez, poderíamos repensar as dimensões das filiações do paternalismo nos Estudos Literários: Schwarz dificilmente será lido com tanto assíduo e verve filiacionista, *a menos que na Unicamp*; o próximo da lista com menos abrangência

talvez seja Santiago, com núcleos dedicados à continuidade de seu trabalho no estado do Rio de Janeiro, na PUC-RJ, “casa” na qual Santiago fez morada acadêmica; Luiz Costa Lima talvez ganhe mais destaque, passando por um número maior nas diversas cátedras do mesmo estado que Santiago, além de precisarmos lembrar o fato de que, somente nas redondezas da cidade do Rio de Janeiro, temos *seis* universidades públicas. Merquior, talvez por parte da rixa paternalista *crítica acadêmica “versus” crítica jornalística*, fique de fora do balaio, a menos que o interesse venha, como mostra Canarinos, daqueles que já se encontram na Universidade e, de alguma forma, escolham trabalhar com os tais “dois mundos” (Süssekind e Castro Rocha são exemplos usados constantemente no livro).

E voltamos a *Candido*: *onde* e *como* ele é lido? O questionamento, mais uma vez, retorna *para* Canarinos: se *Candido* é tão importante, por que a materialidade de seus textos quase não aparece? Por que *Candido*, quando aparece, está, quase sempre, vinculado a algum comentador? Como isso, a observação *do outro comentador*, influencia, tensiona e quebra as expectativas do laço de filiação tão desejoso pelo “além” previsto no título do livro? Se são *quatro* os autores a se dedicar à leitura, por que, no fim, o que observamos é um tratamento tão desigual a cada uma das partes? E, se me atrevo a dizer, o hábito de *não ler Antonio Candido* para *evitar* criticá-lo é a base do problema da recepção de suas obras desde o segundo prefácio à *Formação*. Mas só sabemos disso se lermos *Candido*.

Isso é possível de se observar, por exemplo, de maneira quase excessiva, em uma confiança extrema na leitura alheia para a confirmação da não necessidade de revisitarmos os pressupostos candidianos em sua materialidade específica, ou seja, em uma leitura que também perpassa o que é que buscamos quando lemos algo como *base* de todo um projeto de pesquisa. *A Formação da Literatura Brasileira*, obra historiográfica gigantesca e, hoje em dia, relida, replicada e criticada por mais dos diversos aparatos e pensamentos críticos (não só) no Brasil, só ganha destaque no raciocínio de Canarinos *quando* já interpretada, majoritariamente pelos textos de Paulo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. É necessário, para uma espécie de começo de conversa, que creiamos num *Candido* unitário, transparente, capaz de ser entendido sem a necessidade de uma investigação em torno de seus prolegômenos e suas inquietações, como se, de certa forma, conforme também prevê a crítica muitas vezes elogiosa a *Candido*, *estudar* o autor signifique *emulá-lo, adorá-lo* e, por fim, sumir com a materialidade de seus textos.

Logo, se tais herdeiros de Candido em pouco concordam entre si, como sugerir ser possível, através dos comentadores, a garantia de que há, de fato, *um* Candido, mesmo sendo “o Candido da *Formação*”, cuja leitura, aparentemente, seria homogênea, estável e sem querelas? Mesmo se contrapormos Paulo Arantes e suas leituras com as de Schwarz no paradigma da *Formação*, dado que ambos possuem forte dívida filogenética ao Mestre, estaríamos garantindo aquilo que se torna esperado, ou seja, continuidade, etapismo e uma visão entre os “grandes leitores do Brasil”, do qual Candido faria parte? Creio que não.

Depois de tais rumos interrogativos iniciais, voltemos ao andamento do texto. “O embate do estruturalismo” tenta apresentar as diferentes metodologias adotadas pelos críticos, tendo como pano de fundo a perspectiva na qual *ser estruturalista*, na ditadura, em um pulo moralista, era ser necessariamente *conservador*, “de direita”. Para além do essencialismo duvidoso no qual os críticos abordados acabam caindo em seus reducionismos à perspectiva alheia, seria possível pensar a crítica literária brasileira sem, de fato, precisarmos do vocabulário da polêmica? E, para além disso, quem são os beneficiados ao seguirmos adotando tal perspectiva que, se vista pelo prisma foucaultiano, mais diz sobre quem aponta os dedos do que sobre o objeto criticado?

Nesse esquema de desigualdades, quiçá pela filiação, Schwarz é quem sai ganhando. O crítico, cujo mote da condenação à importação de ideias de alhures é lido por respostas alheias oferecidas a seus textos, aparece em comentários rápidos que, aparentemente, mais têm a função de imunizar a argumentação schwarziana, espécie de redoma a, em um bate-e-assopra, garantir a salvaguarda do argumento do professor unicampineiro. Santiago, o segundo sem tantos textos sobre o estruturalismo, é lido como polêmico, inversionista, desconstrutor que utiliza o vocabulário derridiano para promover a literatura brasileira e latino-americana a um patamar minimamente superior ou, ainda, para tentar “desconstruir” as categorias estanques colocadas na nossa produção — como a de Candido, quando esse sugere, na *Formação*, ser nossa literatura um galho de segunda ordem do Jardim das Musas, arbusto um tanto seco cuja sobrevivência necessita do *amor* do brasileiro.

Daí, rápidas intervenções na polarização estabelecida pelos dois críticos, mantendo a dicotomia na qual Schwarz é quase inofensivo, ou mesmo quando, em textos como “19 princípios da crítica literária”, argumentos como modismo, acusações peremptórias de “direitismo” e “superação do marxismo”, geralmente direcionados à filiação (pós-)estruturalista, fazem de Santiago, ao menos na economia da explicação

oferecida, um *provocateur* cuja contribuição parece se resumir à mera inversão dos polos valorizados na crítica. Mesmo a breve incursão sobre a obra derridiana, focada majoritariamente na *Gramatologia*, parece mais dificultar a possibilidade de olharmos para Santiago como um *leitor de Derrida*, ao invés de ser entendido como a metonímia transplantada de uma mera acomodação da *French Theory* no Brasil, como endossam, por exemplo, Schwarz e Arantes — autores esses que, de certa forma, não parecem ser entendidos como leitores que adaptam Marx e Adorno (qual Marx? qual Adorno?), mas herdeiros geniais cuja filogenia provém de Candido.

Merquior e Costa Lima ganham destaque nessa seção do livro por serem, de acordo com Canarinos, os maiores produtores de comentários em torno do estruturalismo. Tal teoria chega a ser confundida, às vezes, com Lévi-Strauss, cuja obra de fato teve impacto em nada pequeno nos campos por onde passou — no entanto, a equalização também não deixa de demonstrar certa tendência à redução da área a um ou dois nomes que devem se tornar, via supressão do dissenso, a representação máxima de uma ou duas teorias que deveriam ser seguidas ou não pelos sucessores, se replicando sem a diferenciação possível. Assim, os quatro herdeiros disponíveis de Candido, cujas obras são, mais uma vez, tudo menos homogêneas, passam por leituras de formas diferentes e cujos pressupostos, às vezes, deixam o polo da recepção com uma sensação estranha de estarmos, ao mesmo tempo, indo vagarosamente na leitura de alguns autores (Schwarz, Santiago) e rápido demais na de outros (Costa Lima, Merquior). O ponto final, na conclusão do capítulo, parece, mais uma vez, focar naqueles cujo propósito seria, de alguma forma, uma espécie de virada de costas à antiga influência — Santiago por ser “o estranho no ninho”, vindo da França e quase nunca estabelecendo relações filogenéticas com seus pares, e Costa Lima, antigo orientando de Candido que, aparentemente, sofre alguma espécie de torção ideológica e se afasta do Mestre, mas deve a ele tudo —, após um longo raciocínio que envolvia, mais uma vez, a polêmica, dada a perspectiva na qual seria o moralismo e a exclusão mútua a arma retórica preferida na querela de estruturalistas *versus* marxistas. Pela construção do capítulo, no entanto, se pergunta: se a exclusão e o moralismo eram mútuos, por que Costa Lima e Santiago são os críticos polêmicos? Merquior é o liberal possivelmente em pé de guerra com todos e Schwarz é o sagaz continuador marxista do legado de Candido?

Os embates seguintes, do regionalismo e do modernismo, ganham menos impulso no raciocínio de Canarinos. Focada majoritariamente no que fica conhecido como regionalismo romântico, a localização crítico-teórica da autora perpassa um longo trajeto

tentando entender como tal recorte na historiografia literária é problemático não porque possui menos valor ou por ser tensionado de maneiras erradas, mas, sim, pela própria questão da *Bildung*. Ainda que levemente crítica aos argumentos candidianos, a herança do pensamento do autor é a ótica a determinar o jeito de ler os quatro críticos disponíveis, suas tensões e seus maneirismos ao lidarem com algo cuja herança primordial é a falta de dinamismo teórico em Candido, que confunde Dialética com Dualidade. Tenho preferência pelo segundo termo em detrimento do primeiro, por ver, na organização dos argumentos candidianos em torno do Regionalismo, em textos como “A literatura e a formação do homem”, um raciocínio final cujo desejo, por mais humanista que se disfarce o vocabulário, seja destruir a diferença entre rústico e civilizado, primitivo e moderno, base do pensamento eugenista de Antonio Candido³. Dessa forma, como bem demonstra a autora, Schwarz, Merquior, Santiago e Costa Lima se encontram em diferentes problemas na observação daquilo a ser considerado como um pedaço ingrato da Literatura Brasileira — ainda que passemos mais tempo lendo sobre a problemática da *Bildung* do que em torno dos poucos textos deixados por cada um desses autores, cujo foco recai em Guimarães Rosa, José de Alencar e Graciliano Ramos.

A ressalva, em um capítulo cujo fluxo de respiração é um tanto mais caótico do que seu antecessor, continua a mesma: ao terminar seu raciocínio, Canarinos parece sumir com o nome de Schwarz, para salvaguardá-lo, quando passa a ver, da continuidade para a ruptura, problemas nos argumentos de Costa Lima e Santiago, sendo Merquior abandonado a certa altura do texto. Ainda que seja interessante e potente a crítica à noção segundo a qual *formação nacional* parece ser substituída por *inserção internacional*, as viradas argumentativas não deixam, mais uma vez, de parecer sugerir que há certa crítica que se deixa de lado (a marxista-adorniana, ou seja, Schwarz) e é trocada por uma mais recente, cujo foco, a ser chamado de “pós-colonial” no último parágrafo do capítulo, é condenada, em ritmo de pergunta, por parecer querer substituir uma roupagem por outra, num linguajar globalizado e desgarrado da tradição — o que se parece denunciar, assim, é que o desligamento da tradição implica perda crítico-analítica, certo lugar um tanto

³ Isso se torna dual, ou dicotômico, a meu ver, por não emular, na ideia do movimento do Espírito, a disputa entre dois campos a precisarem de uma solução a não estar *nem* em um *nem* em outro. Em Candido, o dito dialético universal/particular se confunde com uma dicotomia forçosa (o particular sendo menor, subalternizado ao critério ocidentalizado e canônico de Candido) cujo rumo teleológico, ao menos desde as críticas de Haroldo de Campos em *O sequestro do barroco*, já determina que aquilo a ser encontrado no texto era, de fato, uma concepção prévia do autor, segmentando a literatura brasileira de modo arbitrário, cuja adesão ao projeto romântico de nacionalidade se confunde com uma tentativa de transformar, retoricamente, seus pontos de vista em algo imanente, natural, ateuico.

comum na retórica, por exemplo, schwarziana, que passa sem problematização alguma na descendência filogenética.

A teleologia da Modernidade ou, em outras palavras, *a fé* de Antonio Candido no projeto Moderno como mito obrigatório de adesão para chegada ao Jardim das Musas — problemática, inclusive, a gerar a querela *do* Regionalismo e das diversas vertentes criadas para *reler* o Modernismo —, desemboca em uma conclusão que parece apontar certa hipocrisia em um dos críticos: Silviano Santiago. Das mais diversas opiniões e dos mais diversos posicionamentos, Schwarz, Merquior, Santiago e Costa Lima parecem, na leitura atenta de Canarinos, encontrar no Modernismo brasileiro certo acúmulo das tensões constitutivas *da* formação nacional. Seja uma degradação estética e uma modernização conservadora, representando uma traição ao modelo de “comer o poder por dentro”, na transformação de Machado de Assis em minoria modelo (Schwarz), cujo legado é desfeito por Mário/Oswald de Andrade; ou seja um projeto que quebra a fusão “mímese = *imitatio*”, deixando de lado construções importantes ao se sobrecarregar de psicologismos (em Mário), tendo na antropofagia (em Oswald) uma saída estética interessante (Costa Lima); ou, ainda, no raciocínio de ver, na pós-modernidade, uma correlação à pré-, não à Modernidade, encontrando nos “abandonados” pelo Modernismo (Lima Barreto e Euclides da Cunha) muito mais similitude e força de ação do que nos anos pós-1922 (Santiago); ou vendo, por fim, numa crítica à quebra da dicotomia culto-popular algo minimamente perigoso de se fazer, transformando a literatura em algo *kitsch* (Merquior), a bifurcação entre os Andrades, tal qual no início da querela entre Rio e São Paulo, ganha o destaque primordial no capítulo de Canarinos, sem que necessariamente se veja qualquer resultado como geração de consenso (o que, de fato, não vejo como desejável ou necessário).

Meu incômodo final, no entanto, recai novamente em algo que liga o começo ao fim de meu texto: a imagem quiçá excessivamente negativa, indicando não *falta* de leitura, mas adesão excessiva à certa seleção de textos, transformando a voz autoral em complacência aos textos teóricos escolhidos, quando o assunto se torna, mais uma vez, a desconstrução e o pós-colonialismo. Sem muitas delongas, encerrar um longo exercício extremamente atencioso aos meandros de textos com “o principal questionador do conceito de universalidade imposto pela metrópole”, ou seja, Santiago, como incoerente por ter “sua produção quase toda composta pelas principais obras da historiografia literária”, parece insistir em uma surpresa estranha um tanto comum na Universidade de São Paulo, quando não leitores da desconstrução se deparam com Jacques Derrida, cujas

obras têm majoritariamente foco no centro do cânone da Filosofia, não em suas bordas ou em outras criações ontoepistemológicas que visam a “destruição” à qual Derrida ficou extremamente atrelado.

Tal gênese da dúvida, me questiono sempre, viria *de onde*, senão de uma surpresa estranha, na qual os críticos conhecidos como “dinamitosos” da tradição demonstram, por fim, que *leram* aquilo que muitas vezes é, por reprodução assexuada, passado sem cuidado algum com o texto por aqueles cuja obra — como Arantes e Schwarz — muitas vezes está garantida como qualitativamente adequada para se *ler* porque esses são mantidos como os arautos do saber *da* tradição? Há saída para a polêmica que não envolva, mais uma vez, silenciamento, exclusão e repetição?

Como dito no início, o texto de Canarinos se revela um longo exercício de estilo e criação de uma voz autoral cuja importância e demonstração de criação de pontes entre os mais diversos autores da crítica brasileira é não só muito bem construído, como executado ao, inclusive, nos lembrar que *ler*, nos Estudos Literários, é *também* imprimir ao texto algo que antes ali não existia — opinião, análise e reconstrução argumentativa mudam tanto a imagem anterior ao texto quanto a do seu fim, deixando como rastro, assim, aquilo que a voz autoral também faz com os textos que emula, os que omite e os que, ao nosso ver, acaba redobrando lugares comuns, enquanto explora e tensiona tão bem outros tantos desafios ao pensamento. Quiçá, isso também diga, mais uma vez, algo sobre a voz que assina esta resenha, longe de estar livre de suas próprias questões cuja base é sua visão de mundo.

Tal qual no fim do livro de Canarinos: o problema, por fim, resiste.

Data de submissão: 20/12/2025

Data de aprovação: 19/05/2026